

UMA FRONTEIRA PARA ALEXANDRE?

Maria Tereza Gomes da Silva – mariaterezagomes1@gmail.com

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil

Rodrigo Cunha Silva – rdgcdasilva@gmail.com

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil

Tania Casado – tcasado@usp.br

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil

Submetido em 08/04/2012, aceito para publicação em 03/05/2012

A família estava reunida em torno da mesa de jantar, falando alto, colocando as notícias em dia. O encontro com os pais, que haviam chegado a São Paulo naquele dia de sua cidade natal em Minas Gerais, era sempre um dos momentos de maior felicidade para Alexandre Barros. Naquela noite, no entanto, ele dava sinais de distração e cansaço. O expediente começara às 9h00 com uma reunião com o chefe, e se estendera até às 20h00. Longas jornadas estavam virando rotina, mas não era isso que o distraía. O problema estava na conversa que tivera, durante o almoço, com um *headhunter*. Alexandre havia recebido uma proposta para mudar de emprego.

Aquela conversa não saía de sua cabeça enquanto olhava para a figura frágil do pai. O patriarca da família havia se aposentado há 20 anos de seu único emprego no Banco do Brasil. Alexandre se impressionava como o pai ainda defendia e se mantinha fiel ao banco. Aos 41 anos, Alexandre não se lembrava de ter sentido algo parecido por qualquer das nove organizações para as quais já havia trabalhado. Naquela época, começou a pensar que talvez isso fosse acontecer com a multinacional na qual entrara há 10 meses como gerente de comunicação. Era sua primeira experiência em multinacional e vinha sentindo que, ali, poderia ter as oportunidades de crescimento e reconhecimento que não encontrara nas empresas nacionais.

Mudar de emprego nunca havia sido um problema para Alexandre, mas pensou irritado no *headhunter*: por que ele tinha que ter aparecido naquele momento? Esses seus pensamentos alternavam-se com as lembranças de sua vida como filho de um bancário do Banco do Brasil.

Nossa vida orbitava em torno do banco

Eram poucas as lembranças de infância de Alexandre que não estavam associadas ao Banco do Brasil. A agência no centro de Ubá, cidade de 100 mil habitantes em Minas Gerais, era para onde seu pai se dirigia diariamente para trabalhar. Criado por D. João VI para financiar a Família Real, o

Banco do Brasil virou sinônimo de carreira estável a partir da segunda metade do século XX. Nas cidades onde instalava sua agência, em geral oferecia os melhores empregos. Quando o pai de Alexandre entrou no Banco, nos anos 1960, era o melhor lugar que alguém do interior, como ele, poderia sonhar em trabalhar. O banco estatal não apenas pagava os melhores salários do local, mas oferecia a seus funcionários a certeza de emprego bom para o resto da vida – bastava cumprir as obrigações no trabalho e não fazer nada de errado na cidade.

O pai de Alexandre foi o primeiro de três irmãos e dois cunhados a conquistar uma vaga na mesma organização. Ao longo de 30 anos, sua carreira seguiu o ritmo compassado das carreiras do Banco do Brasil: um passo calculado a cada número de anos. Havia duas maneiras “justas”, para usar uma palavra sua, de subir na carreira: pela escada do tempo ou pela escada do merecimento. Essa última era a mais rápida até o topo. O pai de Alexandre escolheu a primeira. De escriturário, chegou a caixa, com promoções regulares a cada três ou quatro anos.

Alexandre lembrava que, certa vez, ofereceram ao pai um atalho pela escada do merecimento: uma promoção para a gerência. O pai não aceitou e o banco entendeu e respeitou sua decisão. Naquela época, o cenário econômico e político do Brasil era outro. O pai de Alexandre entendia o momento do País, mas o importante era que ele e sua família estavam protegidos pelo Banco do Brasil.

Durante o jantar, Alexandre constatava que o pai, mesmo duas décadas após a aposentadoria, continuava um defensor do banco. Ainda carregava consigo a carteira funcional e se recusava a abrir conta em qualquer outra instituição financeira que não fosse o Banco do Brasil.

Alexandre e o irmão caçula cresceram cercados pela imagem e pelos personagens do Banco do Brasil. Na infância, o lazer acontecia na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), junto com os filhos de outros funcionários. Alexandre se lembrava das brincadeiras na piscina, das partidas de futebol e das festinhas de adolescentes no clube exclusivo dos funcionários do Banco do Brasil:

A nossa vida girava em torno do Banco do Brasil. O banco era o trabalho do meu pai, dos pais dos meus amigos e o centro de lazer de toda a família. Enquanto meu pai jogava futebol, minha mãe ficava na piscina com as mulheres e nós brincávamos com os filhos dos colegas do meu pai. Nossas vidas orbitavam em torno do banco. Meu pai acordava tranquilo, nunca correndo, tomava café, pegava o carro e ia trabalhar. Todos os funcionários iam de carro, embora a cidade fosse pequena, com pouco trânsito e as distâncias pudessem ser percorridas a pé. Era uma mistura de status com a cultura do banco. O funcionário do Banco do Brasil no interior era uma personalidade. Meu pai e os colegas eram como se fossem autoridades. Meu pai, por exemplo, foi tesoureiro da Associação Beneficente Católica, e um colega dele foi diretor do time de futebol. Eles eram chamados para ajudar na gestão das instituições.

Você está no lugar errado

Quando chegou o momento de decidir sua profissão, em vez de prestar concurso para o Banco do Brasil, o que seu pai chegou a estimular, Alexandre escolheu Engenharia. Para se preparar para o vestibular, aos 17 anos mudou-se para Campinas, cidade grande no interior de São Paulo e distante 10 horas de ônibus de sua cidade natal. Lá, Alexandre teve sua primeira experiência numa república de estudantes.

Após tantos anos, Alexandre ainda mantinha contato com a maioria dos rapazes e, sempre que os reencontrava, virava o centro das atenções ao relembrar as histórias que haviam vivido juntos.

Depois de um ano de cursinho pré-vestibular, foi aprovado na Faculdade de Engenharia da Universidade de São Paulo (USP), no *campus* de São Carlos.

A mudança de cidade trouxe uma nova moradia e novos amigos, aos quais também se mantinha ligado, mesmo depois de tantos anos. Embora a vida universitária em São Carlos, uma cidade com duas importantes universidades (USP e Universidade Federal de São Carlos), fosse muito boa, o curso de Engenharia se mostrou duro demais para Alexandre e para alguns de seus amigos.

No fim do segundo ano, metade de sua turma de Engenharia Elétrica havia desistido e Alexandre não pensava em outra coisa. Não conseguia enxergar sentido e integração entre as disciplinas. Acabou se dedicando ao lado sociocultural da universidade. Naquele ano de 1989, aconteceu a primeira eleição direta para Presidente da República depois do período da Ditadura. Isso fazia com que o *campus* estivesse repleto de distrações para ele. A rádio universitária, que era clandestina, foi reativada e Alexandre ia para lá no horário do almoço. No microfone, falava sobre a eleição, dava notícias sobre greve, vida cultural no *campus* e tocava *rock and roll*.

Participou também da criação de um jornal estudantil, distribuído por alunos do departamento de Engenharia Elétrica. Alexandre e os amigos escreviam as matérias, montavam e reproduziam as páginas para distribuir no *campus* e o inevitável aconteceu: Alexandre foi reprovado em várias matérias. No fim do segundo ano, uma professora alertou Alexandre de que ele estava no curso errado e deveria estudar Jornalismo. As palavras da professora eram lembradas por Alexandre:

Ela tinha razão... Eu adorava a vida social do campus, mas, à medida que o curso avançava, via que gostava mais de fazer o jornal e a rádio do que ir para as aulas. Escolhi Jornalismo porque achava que era a profissão na qual eu poderia aliar esse gosto pessoal de contar histórias ao desejo de mudar o mundo. Afinal, descobri que a criatividade que me fazia desmontar relógios na infância não era para a Engenharia, era para saber como as coisas funcionavam.

Ao chegar a Ubá para as férias no meio do terceiro ano, Alexandre comunicou aos pais que havia trancado o curso. Quando voltou para São Carlos, deixando para trás a crise familiar instalada, inscreveu-se no cursinho mantido por alunos da própria USP para jovens carentes. Mais do que nunca, era hora de economizar. Prestou dois vestibulares: na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, para Comunicação Social, e na Universidade Federal de Viçosa, para Administração. Embora tivesse passado em primeiro lugar em Administração, optou pelo Jornalismo e se mudou para a capital mineira.

Alexandre trabalhou desde o começo de seu curso de Jornalismo. No primeiro emprego, foi voluntário. Ele havia concorrido a uma bolsa de meio salário mínimo para a agência interna de comunicação da faculdade, mas ficou em segundo lugar. Não foi contratado, mas se ofereceu para trabalhar de graça a fim de aprender com os jornalistas mais velhos. Na virada do primeiro ano, concorreu a uma vaga no jornal mensal da pró-reitoria de extensão. Uma de suas mais fortes lembranças da época foi a cobertura jornalística do Festival de Inverno da UFMG. Sobre a experiência, Alexandre lembrava: “A oportunidade de estar no centro dos acontecimentos, vendo tudo, entrevistando os artistas, publicando as notícias, me deu a certeza de que estava no caminho certo”.

Naquela época, a Companhia de Energia de Minas Gerais (Cemig) era uma referência em comunicação corporativa. Alexandre se inscreveu para concorrer a uma vaga de estágio na empresa.

Na Cemig, o trabalho envolveu-o completamente. Alexandre se sentia como se já trabalhasse para um veículo de verdade – e isso logo aconteceria.

No último ano de faculdade, ainda trabalhando na Cemig, Alexandre começou a fazer reportagens como *freelancer* para a *Folha de S. Paulo*, o jornal que ele mais admirava. Logo que teve oportunidade, perguntou o que deveria fazer para ser contratado. Soube, assim, do programa de *trainee*. Foi selecionado para a sucursal de Brasília, onde ficou por três meses antes de ser transferido para a sede, em São Paulo. Assim que se formou, inscreveu-se e foi aceito no Curso Abril de Jornalismo, num disputado processo de seleção que lhe garantiu, na sequência, uma vaga na *Exame*, a maior revista de negócios do País, do Grupo Abril. Alexandre rapidamente se integrou à elite do jornalismo econômico. Envolveu-se em reportagens de capa, entrevistou presidentes de empresas, viajou pelo Brasil e ganhou um Prêmio Abril de Jornalismo por uma reportagem especial sobre educação.

Após 18 meses, Alexandre recebeu um convite do jornal *O Globo*. A proposta, além de financeiramente recompensadora, era interessante: fazer a cobertura jornalística das privatizações, dentro do programa do Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. O excitamento e a pressão do jornalismo diário do jornal – em vez de quinzenal, da revista – fascinaram Alexandre. Ele investigava e escrevia cerca de três reportagens por dia, mas uma delas foi especial: a entrevista exclusiva com o ex-presidente americano Bill Clinton durante uma visita a São Paulo. De terno e gravata, Alexandre se infiltrou numa fila de cumprimentos formada por empresários e foi o único jornalista brasileiro a chegar até o ex-presidente. A façanha rendeu reconhecimento público do jornal, um bônus salarial e uma foto que continua a enfeitar a sala de sua casa.

Ao se referir àquele período, Alexandre comentava: “O que eu mais gostava do jornalismo era seu dinamismo. Um dia nunca era igual ao outro. Era estar no centro dos fatos, acompanhar tudo em tempo real. Saber antes. A adrenalina do jornalismo diário foi viciante para mim”.

Eu não acredito mais neste projeto

Alexandre era casado com Maria Tereza, também jornalista. Após dois anos trabalhando para o jornal *O Globo*, Alexandre recebeu a notícia de que sua esposa havia ganhado uma bolsa de estudos para um curso de um ano de duração na University of Michigan, em Ann Arbor. Alexandre não teve dúvidas: pediu demissão do jornal e embarcou para os Estados Unidos acompanhando a esposa. Aproveitou o tempo para estudar Economia e Administração, aprimorar o inglês e aprender sobre a vida numa cultura diferente. Na volta ao Brasil, retomou a carreira na revista *Forbes*, que estava sendo implantada em português. O cargo era de editor da seção de empreendedorismo e, pela primeira vez, Alexandre teve equipe e orçamento para gerenciar. O excitamento pelo projeto durou até que sua ex-chefe em *O Globo* o chamou para fazer parte de sua equipe na Agência Globo. Relembrando aqueles tempos, Alexandre comentava: “Eu sentia que recebia mais propostas de emprego do que a média dos colegas – e sempre que me interessava, aceitava. Cada experiência era um novo começo. Eu sentia que precisava recuperar o tempo perdido. Afinal, entrei mais velho na carreira que meus colegas...”.

Alexandre aceitou voltar para *O Globo*: “O excitamento do jornalismo diário continuava a me fascinar e, além disso, eu gostava muito de trabalhar com minha antiga chefe”.

O início da década de 2000, entretanto, era de crise econômica e política: a bolha da internet estava estourando no mundo todo e, no Brasil, a chegada do Presidente Lula ao poder assustou a economia. O resultado pôde ser visto na sucursal da Agência Globo em São Paulo: sucessivas

demissões reduziram o quadro de 50 para 4 jornalistas. A cada corte, Alexandre fazia com a chefe a lista de demissões. Na reunião para o último corte, pediu para ser incluído, argumentando que não acreditava mais no projeto.

Seu próximo destino foi a revista *IstoÉ Dinheiro*, na qual assumiu a editoria de finanças pessoais. Centenas de empresas se preparavam para abrir o capital na Bolsa de Valores de São Paulo, ao mesmo tempo em que os brasileiros começavam a investir em ações. Para aproveitar a oportunidade, Alexandre decidiu fazer um MBA em finanças.

O primeiro convite para trabalhar longe das redações veio da Bovespa, como assessor do presidente. “Em apenas um ano na Bovespa, eu escrevi 64 discursos lidos durante a abertura de capital de empresas. Sentia que a minha experiência como jornalista continuava sendo importante e que eu ainda estava no centro dos acontecimentos.”

Pela primeira vez na carreira, seu expediente acabava antes das 18h30 e sobrava tempo para visitas diárias à academia e para as corridas de 10 quilômetros. Sua meta era fazer esse percurso em menos de uma hora, baixando a marca a cada nova prova. Quando recebeu o convite para trabalhar na maior consultoria de relações com investidores do País, a MZ Consult, Alexandre sabia que seus dias de tranquilidade – e de treinos – haviam chegado ao fim. Durante os próximos dois anos e sete meses, em dois cargos diferentes, Alexandre voltou a ter expedientes que avançavam noite adentro. Só que, ali, Alexandre encontrou um ambiente informal e descontraído, muito parecido ao das redações por onde passara. Em pouco tempo, sua rede de relacionamentos já estava repleta de novos amigos, com os quais se encontrava para frequentes *happy hours* depois do expediente.

Será que o meu pai tem razão?

O convite para trabalhar na multinacional surgiu por indicação de uma amiga. O processo de seleção durou uma dezena de entrevistas em sete meses. Em janeiro de 2010, Alexandre embarcou em seu terceiro emprego corporativo – e fazia apenas três anos que terminara o MBA. Quando indagado sobre isso, costumava responder:

Eu sempre vestia a camisa da empresa em que estava no momento. Só deixava de vestir quando acabava o projeto e o desafio. Aí, deixava de me interessar. Se nesse ínterim aparecesse uma proposta interessante, sempre, sempre estava aberto a conversar. O jornalismo me ensinou que não havia fidelidade por parte da empresa. Enquanto você desse resultado, você continuaria.

Era tudo isso que passava pela cabeça de Alexandre enquanto jantava com os pais naquela noite. Desde que assumira a área de comunicação da multinacional, realmente vestira a camisa. Nos encontros com amigos, não fugia da polêmica sobre os transgênicos, a principal área de atuação da empresa. Mantinha na ponta da língua as informações sobre o aumento na produção de alimentos proporcionado pelas pesquisas genéticas. Além disso, Alexandre sentia que encontrara um ambiente onde era valorizado e tinha chances de desenvolvimento. Em menos de um ano, já havia feito vários cursos, tinha recebido *feedbacks* positivos do chefe e participava de comitês de decisão. Alexandre sentia que realmente encontrara um lugar que valorizava seu talento e onde as horas extras faziam sentido, pois a empresa tinha uma missão com a qual se identificava: ajudar a alimentar o mundo. Apenas uma coisa o incomodava: o ambiente formal de multinacional. Os almoços com colegas tinham sempre que ser agendados e nunca acontecera um chope depois do expediente. Para compensar, uma vez por semana ele almoçava com os amigos da MZ.

Enquanto olhava para o pai, Alexandre se lembrava de suas palavras quando o procurara para falar sobre a última troca de emprego. O pai começara a conversa contando pela enésima vez sobre a segurança que o banco havia proporcionado à família durante seus anos de trabalho e sobre tudo o que conquistara graças àquele trabalho, deixando claro que não compreendia as constantes mudanças de emprego do filho.

O pai dizia que ele já tinha 40 anos e estava “na hora de assentar o facho”, usando uma expressão típica do interior do Brasil. Alexandre já havia até se irritado com as palavras do pai, mas agora elas pareciam fazer sentido.

Desta vez, ele havia decidido explicar para o pai que o mundo agora era diferente. Falou da globalização da economia, da convergência da tecnologia, das demandas da sustentabilidade. Mostrava o jornal com as notícias sobre as empresas brasileiras que viraram multinacionais. Explicava que, nos dias de hoje, ele precisaria cuidar da própria carreira, pois a empresa poderia demiti-lo a qualquer momento.

Por outro lado, pensava, se aceitasse a proposta, esta seria sua décima empresa em menos de 20 anos e o mesmo *headhunter* que o havia contatado com a proposta havia comentado que tantas mudanças poderiam ter impacto negativo no currículo.

Afinal, o que haveria de errado em ser protegido por uma empresa como seu pai fora por três décadas? Nos próximos dias, Alexandre teria que dar a resposta ao *headhunter* e, pela primeira vez na vida, sentia-se dividido. Por um lado, sentia a vibração de assumir um novo desafio, abraçar uma nova causa, vestir outra camisa. Por outro, estava realmente animado com o emprego atual e com o grau de autonomia para fazer seu trabalho. Além disso, como nas redações de jornal e revista onde trabalhara, um dia nunca era igual ao outro.

Enquanto jantava com o pai, pensava nas alternativas. O que fazer com a sua carreira?